

**A RESISTÊNCIA NA LITERATURA: A LUTA PELA HUMANIZAÇÃO EM ALMA,
DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

**THE RESISTANCE IN LITERATURE: THE STRUGGLE FOR HUMANIZATION IN
ALMA, BY ITAMAR VIEIRA JUNIOR**

Recebido em: 25/04/2023

Aceito em: 13/06/2023

Rian Lucas Da Silva¹ 

Girleene Marques Formiga² 

Resumo: A literatura, por meio de sua expressão simbólica, descortina temas que comportam violência humana de natureza diversa. Assim, mediante pesquisa qualitativa-exploratória de viés bibliográfico, objetivamos analisar o conto intitulado Alma, de Itamar Vieira Junior, inserido na coletânea Doramar ou A Odisseia: histórias (2021), no intuito de verificar não só como a narradora-protagonista descreve sua condição de escrava em que vivia antes de ter armado contra a vida de seus senhores brancos como também o percurso fugitivo dessa mulher, de modo a destacar o processo de luta pela liberdade. Teoricamente, utilizamos estudos de autores como Evaristo (2005), Ribeiro (2016), Beauvoir (2016) e Kilomba (2008). Realizadas as análises, constatamos que a personagem se descreve, no primeiro momento, como uma mulher que vive à deriva do processo político e social porque se encontra presa aos “donos” de sua própria vida, ou seja, a seus senhores, estes sendo, inclusive, os responsáveis por maus-tratos e discursos de ódio, racistas, à escrava; no segundo momento, vislumbramos, por sua vez, uma personagem mais decidida quanto à vida que desejaria ter, sobretudo em virtude de sua vontade de ser livre, anseio que a motiva a planejar o envenenamento de seus próprios senhores, a fim de se libertar do espaço onde, por muito tempo, fora vítima da exacerbação de múltiplas violências.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; Temática étnico-racial; Mulher negra; Resistência.

Abstract: Literature, through its symbolic expression, unveils themes that contain human violence of diverse natures. Thus, through qualitative and exploratory research with a bibliographical approach, this article aims to analyze the short story entitled Alma, by Itamar Vieira Junior, located in the collection Doramar ou A Odisseia: histórias (2021), in order to verify not only how the narrator-protagonist describes her condition of a slave in which she lived in before having plotted against the life of her own white masters, as well as the fugitive path of this woman, in order to highlight the process of fight for freedom. Regarding the theory, this paper is based on studies by authors such as Evaristo (2005), Ribeiro (2016), Beauvoir (2016) e Kilomba (2008). After carrying out the analyses, we observed that the character describes herself, at first, as a woman who lives adrift from the political and social process because she is trapped to the “owners” of her own life, that is, her masters, these being even responsible for mistreating and uttering racist hate speeches to the slave. In a second moment, we see, in turn, a character who is more determined about the life she would like to have, mainly due to her will to be free, an urge that motivates her to plan the poisoning of her own masters in order to free herself of the space where, for a long time, she had been a victim of the exacerbation of multiple forms of violence.

Keywords: Contemporary literature; Ethnic-racial theme; Black woman; Resistance.

¹ Pós-graduando em Docência com ênfase na Educação Básica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG). E-mail: rian.lucas@academico.ifpb.edu.br

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). E-mail: girleene.formiga@ifpb.edu.br

INTRODUÇÃO

Ao se falar em escravidão como tema na Literatura Brasileira, mais especificamente na Terceira Geração Romântica do Brasil, é comum que muitos pensem, inicialmente, em Castro Alves, apelidado pela crítica literária como o *poeta dos escravos*. Na contemporaneidade, por outro lado, escritores diversos têm se preocupado, cada vez mais, em representar a negritude em suas obras, a exemplo de escritoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, que têm (re)formulado a escrita literária ao apresentar ao público uma literatura contada a partir da visão do próprio negro.

Para além dessas escritoras mencionadas e de outras que aqui poderiam ser citadas, Itamar Vieira Junior³, estudioso da antropologia, também surge como um dos nomes da literatura brasileira contemporânea que tem se destacado bastante ao colocar em seus textos evidências de uma existência tipicamente negra, de modo a narrar simbolicamente as dificuldades e os percalços vividos até hoje por esse grupo específico. Esse escritor, apesar de seu recente reconhecimento, estreou na literatura já em 2012, por meio do livro de contos intitulado *Dias*, vencedor do XI Prêmio Projeto de Arte e Cultura. Em seguida, lançou *A oração do carrasco*, livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria conto e vencedor do Prêmio Humberto de Campos da União Brasileira de Escritores (Seção Rio de Janeiro). Embora tenha iniciado desde cedo na literatura, pode-se afirmar que foi a partir do romance *Torto Arado* que o autor veio a firmar-se como escritor de prestígio e sua obra consagrada com três prêmios: LeYa, Jabuti e Oceanos. Sua última produção foi a reunião de alguns contos (alguns antigos publicados em obras iniciais e outros recentes) em uma coletânea chamada *Doramar ou a Odisseia: histórias*, publicada em 2021.

Neste estudo, de forma mais delimitada, adotou-se, como objeto de análise, o conto intitulado *Alma*, publicado, inicialmente, em *A oração do carrasco* e, posteriormente, incluído em sua obra mais recente: *Doramar ou a Odisseia: histórias* (2021). Ao tomar esse texto como ponto de partida para análise, buscamos investigar não apenas o modo como a personagem principal relata, em tom confessional, a sua condição enquanto escrava de senhores brancos como também a trajetória por ela trilhada em busca de liberdade quando decidiu fugir da vida relegada ao sofrimento em que vivia.

³ Essas e outras informações biográficas a respeito da vida e da obra do autor aqui em debate podem ser consultadas no site chamado “*literafro*” – o portal da literatura Afro-Brasileira, disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/1270-itamar-vieira-junior>. Acesso em: 23 dez. 2022.

A metodologia usada foi uma pesquisa de natureza qualitativa-exploratória, a partir de um viés bibliográfico, sob uma fundamentação teórica pautada em estudos de diversos autores, como Evaristo (2005) e Proença Filho (2004) – que se debruçam sobre a presença do negro na Literatura Brasileira; Ribeiro (2016), Cleage (1993) e Kilomba (2008) – que se aprofundam em questões ligadas ao feminismo negro; Beauvoir (2016) – que se preocupa não apenas com questões referentes ao ser mulher como também com a liberdade feminina (ou a ausência dela); Paula (2012) – que pesquisa as relações escravocratas no contexto brasileiro; Walker (1983) – que se interessa pela situação e pelo ponto de vista de pessoas socialmente oprimidas ao longo da história; e alguns outros.

Acreditamos, enfim, que a representação posta em evidência pelo autor nesse conto específico realça, entre tantos elementos, as dificuldades, os medos e, sobretudo, a luta enfrentada por sujeitos que se encontram inseridos em contextos cuja opressão socioeconômica ainda é dominante. Daí, pois, a urgência em considerar a literatura não somente como “lugar de afirmação e singularização de identidades múltiplas e várias, (sic) mas integradas no tecido da arte literária brasileira e universal” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 187). Nessa perspectiva, é possível evidenciar vozes de culturas e de segmentos sociais que estão situados na periferia das estruturas sociais, conforme apresenta a seção a seguir, em que se realiza um diálogo sobre a literatura envolvendo a mulher negra, com vistas a estimular a discussão sobre a pluralização das formas temáticas para a historiografia literária brasileira.

A MULHER NEGRA NA LITERATURA: À PROCURA DE UM ENTENDIMENTO FEMINISTA NEGRO

A literatura brasileira foi – e talvez ainda seja – uma área que, por muito tempo, destinou ao negro estereótipos extremamente negativos e preconceituosos. Nesse diapasão, Proença Filho (2004) elucida que, não obstante os negros só ganhem uma presença mais significativa no século XIX, a temática da negritude já surge na literatura brasileira desde mesmo o século XVII, por meio dos versos satíricos de Gregório de Matos.

Apesar disso, conforme defende Evaristo (2005), a literatura – da sua formação até a contemporaneidade – apresenta um discurso sob um viés racista ao apontar à mulher negra aspectos negativos, tendo em vista que a sua representação permanece vinculada a imagens do seu passado escravo, “de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor”

(EVARISTO, 2005, p. 52). Nessa mesma linha de pensamento, Proença Filho concorda ao ressaltar que

O personagem negro ou mestiço de negros caracterizado como tal ganha presença ora como elemento perturbador do equilíbrio familiar ou social, ora como negro heróico, ora como negro humanizado, amante, força de trabalho produtivo, vítima sofrida de sua ascendência, elemento tranqüilamente integrador da gente brasileira, em termos de manifestações (PROENÇA FILHO, 2004, p. 174).

Percebe-se, neste sentido, representações do negro a partir de observações reducionistas, arcaicas e dotadas de preconceitos que insistem em relegá-lo a condições inferiores à dos brancos, por exemplo; é, então, esse ideal literário (?) que constrói a imagem do sujeito negro atrelado a características unicamente negativas, posto que

[u]ma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra (EVARISTO, 2005, p. 53).

A fim de se compreender melhor tais representações, Proença Filho (2004) destaca que, no discurso literário nacional, é preciso perceber dois posicionamentos no que se refere à presença do negro, sendo eles: a de uma literatura *sobre* o negro e, em segundo plano, a de uma literatura *do* negro.

No primeiro posicionamento, surgem representações *sobre o negro* de forma distanciada de sua realidade, tornando-os seres idealizados, estigmatizados e costumeiramente estereotipados, atribuindo-lhe, pois, valor de mero objeto. Em contrapartida, a perspectiva de uma literatura *do próprio negro* demarca sua presença a partir de uma atitude compromissada, mais real e contextual, uma vez que, neste momento, é o próprio indivíduo negro que tem a possibilidade de se representar tal como ele mesmo se percebe.

É a partir dessa segunda vertente, inclusive, que Evaristo (2005) proclama a ideia de uma *escre(vivência)* de mulheres negras, ou seja, uma escrita feita por elas mesmas, que mescla escrita e vivência concomitantemente. Para a pesquisadora, esse novo movimento de escrita é significativo na medida em que se podem desenhar novos contornos e perfis na literatura brasileira, não apenas do ponto de vista do conteúdo mas também no de autoria, sendo, portanto, uma espécie de inovação literária profundamente marcada “pelo lugar sócio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas” (EVARISTO, 2005, p. 54).

Nesse contexto, mulheres negras têm se preocupado com o rompimento do silêncio e com o confronto de representações negativas em torno de si. A esse respeito, Santos (2007) realça tal paradigma ao afirmar que a luta dessas mulheres contra as diversas formas de dominação que as silencia e as inferioriza se destaca como um tópico central da luta tanto pela liberdade quanto pelo acesso a recursos de base social, econômica e política.

Por causa disso, Ribeiro (2016) pontua que mulheres negras vêm, de forma histórica, (re)pensando a categoria mulher enquanto uma forma não universal, com o fito de apontar para a necessidade de se notarem outras possibilidades de ser mulher. Neste sentido, é preciso atentar-se – sob os moldes de uma herança brasileira colonial escravocrata, patriarcal e classista – ao feminismo marcadamente negro⁴, para se pensar um novo marco civilizatório, uma vez que “enquanto àquela época mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para serem consideradas pessoas. E essa diferença radical fazia toda a diferença” (RIBEIRO, 2016, p. 100).

A respeito disso, Pearl Cleage, teórica feminista negra, defende o feminismo como sendo “a crença de que as mulheres são seres humanos plenos, capazes de participação e liderança em toda a gama de atividades humanas – intelectuais, políticas, sociais, sexuais, espirituais e econômicas” (CLEAGE, 1993, p. 28). É, preciso, para além dessa definição, compreender que mulheres negras e mulheres brancas encontram-se em situação de desproporcionalidade, ou melhor, em níveis divergentes no que tange às condições de privilégios.

Walker (1983), nesta mesma linha de pensamento, destaca o potencial de pessoas oprimidas – como as mulheres negras – apresentarem um ponto de vista moral acerca da sociedade que se baseia, muitas vezes, na sua situação de opressão. Desse modo, a estudiosa utiliza-se do termo *mulherismo* – nomenclatura reivindicada pelo feminismo negro, a fim de expressar as particularidades de suas lutas –, para se referir a um feminismo mais inclusivo, cuja intersecção de opressão de raça, de classe e de gênero esteja presente no centro das discussões.

Assim, é perceptível que o conceito de feminismo que atende à mulher branca vai ser diferente daquele que atende à mulher negra (e vice-versa). Beauvoir (2016a), ao debater sobre aspectos relativos à existência feminina a partir de uma perspectiva branca, não afirma que

⁴ Convém ressaltar que, no Brasil, o feminismo negro começou a ganhar notoriedade e força a partir dos anos 1980, conforme defende Ribeiro (2016).

todas as mulheres existam do mesmo modo, tampouco que exista uma espécie de essência feminina capaz de unificar a todas em um bloco sólido. Distante dessa argumentação incongruente, a filósofa considera, por sua vez, que há uma categoria comum ao se falar de mulheres: a própria opressão sofrida, na qual são conduzidos modos de ser e de existir individuais de cada ser feminino no mundo.

Nesse contexto, desde cedo, é ensinado às mulheres que devem existir a partir de um modelo rígido e idealizado na base de uma sociedade patriarcal. Como consequência disso, a criança-menina é desenvolvida para se tornar o *Outro absoluto*, ou seja, o ser do qual a subjetividade é retirada. Em outras palavras, o pensamento beauvoriano parte da ideia de que a mulher não é definida em si mesma, mas, sobretudo, em relação ao homem e por meio do olhar dele. Desse modo, a mulher cresce e se desenvolve, portanto, encerrada em um mundo que não lhe parece dispor de possibilidades, na medida em que é empurrada, desde cedo, ora para o casamento heterossexual, ora para as funções da casa e da maternidade (BEAUVOIR, 2016b, p. 279), sendo o seu corpo, dessa forma, concebido como um instrumento de domínio do mundo.

Grada Kilomba, teórica feminista negra, contrapõe-se ao pensamento beauvoriano porque, se para este a mulher é vista como o *Outro* por não haver reciprocidade do olhar do homem, a mulher negra, por outro lado, pode ser entendida como o *Outro do Outro*, posição essa que a coloca em um local de suma dificuldade no quesito da reciprocidade, pois

[p]or não serem nem brancas, nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supremacista branca. Nós representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade, já que somos a antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. [...] Mulheres brancas tem(sic) um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o “outro” do outro (KILOMBA, 2008, p. 124).

A partir disso, é possível averiguar que, embora haja diversas vertentes do feminismo, tal movimento precisa sempre ser compreendido a partir de sua pluralidade e de seu caráter extremamente multifacetado. Isso se torna necessário porque pressupor a ideia de um único feminismo que atenda a todas as mulheres é incorrer, diretamente, em equívoco, sobretudo ao se levar em consideração que toda e qualquer mulher pertence a um contexto específico, tornando-a única dentro do modelo no qual ela se encontra inserida e o reproduz.

É preciso ressaltar, por fim, que não foi o intuito desta seção apontar que o pensamento da Kilomba seja mais coerente e aceitável do que o de Beauvoir, mas realçar a ideia de que as bases teóricas do feminismo podem variar facilmente, dadas as condições e os grupos sociais femininos que serão analisados e, neste caso, como o foco é a mulher negra, certamente, houve a escolha acentuada dos pressupostos de estudiosas do feminismo de vertente negra.

Seguindo esse posicionamento, a seção a seguir buscará realizar uma análise em torno do conto *Alma*, de Itamar Vieira Junior, na tentativa de investigar tanto a maneira como a narradora-protagonista reflete sobre sua própria condição enquanto escrava, quanto a forma como ela narra o seu percurso fugitivo em busca da liberdade.

O PROCESSO FUGITIVO E A INCESSANTE BUSCA PELA LIBERDADE: A TRAJETÓRIA DE ALMA

A princípio, o conto é criado a partir de uma narração em primeira pessoa – é a protagonista negra que narra, do início ao final do texto, a sua vivência e, acima de tudo, sua resistência enquanto escrava de uma família branca, de maneira a traçar, meticulosamente, o processo que culminou em sua fuga rumo à liberdade tão almejada. O foco narrativo, neste ângulo, é a utilização do narrador-protagonista (FRIEDMAN, 2002), que implica a importância de o leitor limitar-se ao olhar da protagonista para os fatos narrados e, à vista disso, a própria perspectiva e sinceridade da personagem são colocadas em vislumbre.

No que tange à linguagem utilizada, cabe destacar que ela oscila entre ausência de pontos finais e uso excessivo de vírgulas, como se fosse uma espécie de monólogo. Sobre isso, entendemos esse uso específico de linguagem como um recurso empregado de forma proposital pelo próprio autor, uma vez que esse mecanismo contribui para a criação de uma leitura às pressas, ou seja, o leitor sente-se parte da história, como se ele estivesse fugindo junto com a protagonista da história.

Diante disso, logo nas primeiras linhas do conto, o leitor se depara com a apresentação de um personagem, até então não nomeado na narrativa, que já caminha por muito tempo, embora o leitor ainda não saiba o motivo dessa peregrinação nem o porquê da aparente fuga, que só vem a revelar-se posteriormente. É deste modo, portanto, que o conto se inicia:

Caminhei por muitas luas cheias, sob o sol de fogo, minhas mãos estavam sujas, minhas vestes rasgadas, destruídas, meu cabelo embolado como um novelo, sem um fio que fosse um caminho para desatar, meus seios amarrados com uma teia de palha de buriti, a pele cortada em todos os cantos, com cascões negros de sangue seco, os pés com os ossos rachados e com terríveis feridas (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 26).

A descrição é dotada de uma linguagem rica em metáforas que, por si só, consegue entregar ao leitor algumas pistas para essa caminhada. Já sinaliza, por exemplo, a ideia de que a personagem é uma mulher negra, cuja aparência suja e roupas estragadas são esboçadas durante sua apresentação. A presença de pés rachados que, inclusive, acentua-se com a imagem de feridas expostas no corpo dessa mulher, ratifica a ideia de uma caminhada que já dura diversos dias. Essa noção se confirma por meio da utilização de “por muitas luas cheias”, indicando a noção de muitas noites que a personagem viajava a pé de forma obstinada e permanente.

Ainda sobre o excerto introdutório da narrativa, é pertinente destacar que o elemento da “lua cheia” também possui relação – ainda que (in)direta – com o ser feminino, posto que o ciclo menstrual feminino se insere em um período variável de 28 dias, assim como o ciclo lunar. Dessa forma, como é possível perceber características comuns entre a mulher e a lua, é adequada a compreensão da escolha desse signo, tendo em vista as constantes repetições desse elemento no conto.

Em seguida, torna-se ainda mais intensa a ideia de uma mulher que percorre um caminho de forma infundável, ou melhor, que por um longo tempo é a única atividade que tem feito, a julgar pelo trecho “por um tempo só caminho”, conforme se pode notar nesta passagem:

e eu, uma mulher que caminha, e por um tempo só caminho, sou uma mulher que caminha sempre em frente e não volta para o que deixou lá longe [...] caminho assim, esperando encontrar o acalanto de um lugar onde exista a liberdade, eu, uma mulher que nasceu acorrentada aos desejos dos meus senhores, eu que não tinha nome porque não era nada (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 26).

O trecho acima é a primeira ocorrência em que a própria protagonista realça o fato de ser uma mulher, porém não uma qualquer, mas uma que caminha sempre em frente, fugindo de algo que ela mesma informa ao leitor ter deixado para trás. Sobre isso, vê-se a representação de uma mulher que não para diante do “sol de fogo”, das rachaduras nos pés e das feridas expostas, mas de um ser feminino que busca de forma incansável fugir de algo (ou de alguém, porque ainda não se sabe exatamente, nessa parte da narrativa, o motivo real da fuga). É certo que o fato de ter nascido acorrentada aos desejos dos seus senhores já seria justificativa suficiente para buscar o seu maior objetivo: um lugar onde exista a liberdade. Essa busca já deixa revelado ao leitor que no espaço onde ela estivera antes não existia liberdade, pois, se houvesse, não precisaria fugir com tamanha avidez.

Durante essa caminhada (in)findável, não importavam o cansaço, as dores e as intempéries da fuga, uma vez que, de acordo com a personagem, qualquer outra dor sentida não se comparava ao sofrimento vivido com os seus senhores: “cada espinho que agora entra na minha pele é muito pequeno perto da dor de antes, cada corte no pé que foi ficando descalço é nada perto da dor de antes, perto dos risos dos senhores” (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 30).

Ademais, o uso dos termos “meus senhores” e “acorrentada” contribui, na narrativa, para que se construa uma ambientação marcada sob processos de exclusão racial. Esse fator escravista é, por natureza, consideravelmente violento, conforme demarca Paula (2012), haja vista que “forçar um ser humano a trabalhar contra sua vontade, sem remuneração, nem qualquer direito, exige mecanismos de subjugação” (PAULA, 2012, p. 156).

Outro aspecto que não se pode ignorar é a afirmação da personagem quando relata que não tinha um nome porque simplesmente não era nada. Sabe-se que o nome é portador da identidade de qualquer indivíduo em sociedade, uma vez que, por meio dele, é possível se construir uma história, uma vida, toda uma existência a respeito desse ser. A ausência de um nome, neste caso, implica necessariamente a não existência dessa mulher negra, haja vista que sequer teve uma denominação própria. A situação sinaliza que as pessoas à sua volta – seus senhores brancos – não a consideravam como uma “pessoa”, mas um objeto de serventia – uma escrava. O fato representado na escrita literária encontra resquício na própria história do Brasil, pois, conforme Paula (2012) demonstra, as mulheres negras eram consideradas como propriedade privada e não eram consideradas humanas, já que podiam ser facilmente adquiridas por meio da compra.

Esse absentismo de liberdade feminina, no texto, é a motivação da mulher para que ela consiga escapar do lugar onde estava agrilhoada, ou, como a própria personagem expõe, acorrentada, servindo aos desejos de seus senhores. Isso implica, nessa lógica de cárcere social, a negação da liberdade da mulher, que se constrói como um processo bastante opressivo, conforme postula Beauvoir (2016b). Já se percebe, portanto, a ideia de um contexto escravista e, sobretudo, opressivo em torno dessa figura feminina que carregava, dentro dela, o sofrimento que castigava a sua pele negra.

Eu me olhava no espelho e via o fundo dos meus olhos, e no fundo do fundo dos meus olhos a vontade de ser livre, a vontade de ser eu também uma senhora, a vontade de que me servissem, que me abanassem, eu, uma mulher indigna, carreguei para dentro de mim o sofrimento que infligiam à minha pele (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 27).

Na narrativa, percebe-se uma escrava que, em tom de desabafo, narra as atrocidades e todos os tipos de violências sofridas enquanto permanecia presa ao modelo de escravidão imposto pelos seus senhores brancos. Em determinado momento do conto, há um relato que constrói a perspectiva de uma escrava enquanto objeto de reprodução (animal, em série, como bichos), em outras palavras, enquanto um meio para se chegar aos desejos pretendidos pelos seus senhores.

eu, uma mulher que pariu com dor esse filho que tiraram dos meus braços, que pariu outros tantos e todos os outros foram tirados de mim enquanto os amamentava e eles cresciam, eu, uma mulher, uma alma, que lutava todas as horas, e da primeira vez que me levaram um filho urrei de tristeza, como uma cadela, meus filhos arrancados como uma ninhada de cães, um a um foram retirando de mim, um a um foram sendo retirados (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 26).

A escrava é vista como um mero instrumento de utilidade pelos seus senhores brancos na medida em que a sua imagem é construída a partir da noção de fêmea reprodutora. A negra, aqui, cumpre o papel de gerar, ou como ela mesma autoafirma, de parir diversos filhos, prole a ser arrancada dos braços maternos pelos seus donos. No fragmento apresentado, a protagonista realça o papel ocupado enquanto criadora de seus filhos, tanto é que ela os via crescer enquanto ainda os amamentava. Cumprido esse papel, restava à mãe, novamente, a solidão e a dor de ter um filho sendo retirado de perto de sua presença, até que o ciclo da reprodução voltasse a se estabelecer uma e outra vez.

Outrossim, o uso da expressão “ninhada de cães” corrobora a ideia de que essa mulher foi usada como se fosse uma reprodutora para parir muitos descendentes, o que incluía vítimas de estupro que escravas negras sofriam de seus senhores. A respeito disso, Freitas (2011), ao estudar relações afetivo-sexuais ainda no Brasil colônia, destaca a prática comum, durante a escravatura, que os corpos de escravos fossem pertencentes aos seus donos e, em virtude disso, os brancos poderiam manifestar-se livremente sobre eles. Na mesma linha de pensamento, Paula (2012 p. 157) também salienta que a mulher negra era “submetida a diversos tipos de violência: física, sexual, psicológica, entre outras”. Há, pois, a presença de uma violência física cruel contra essa mulher da narrativa, que se vê cercada por um padrão supremacista branco que a relega à margem dos processos políticos.

Face a essa problemática, a protagonista do conto se vê, em muitos momentos, como um animal, e que dessa forma fora tratada durante toda a sua existência, e, assim, em sua fuga (a tentativa de sair desse lugar onde a colocaram), agiu como tal, fosse na mata, fosse na forma

de lidar com a sua nova condição (em fuga), em prol de sua sobrevivência, distante de quem a escravizava.

[...] eu, essa mulher que anda pela mata como se fosse bicho, a quem um dia disseram que tinha uma alma, e por isso me chamaram de Alma, “e toda alma reside num corpo”, rezava minha senhora, e eu, se era uma alma, era posse daqueles senhores, minha morada era o fundo da sua casa branca, era meu corpo, foi dali que saí, andei para a frente, com as roupas da minha senhora, com o vestido longo da minha senhora, que batia na minha face quando eu não engomava com capricho aqueles mesmos vestidos (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 27).

Conforme se pode perceber nos excertos apresentados até aqui da narrativa de *Alma*, em nenhum momento havia sido sequer revelado o nome dessa personagem. Houve, por sua vez, uma única menção ao fato de essa mulher nunca ter tido um nome porque ela mesma disse que não era nada. No último excerto, há uma mudança nesse paradigma: certa vez, disseram a essa mulher que ela tinha uma alma e, a partir de então, passou a ser chamada “Alma”, nome que dá título ao conto. É preciso perceber que a mulher, dada as condições infelizes em que vivia, esqueceu-se até de que tinha alma como a sua senhora branca. Desse modo, é somente a partir da afirmação da voz de uma pessoa – no texto não revelado da parte de quem exatamente – que ela passa a compreender que tinha uma e, assim, intitulou-se de “Alma”.

O tratamento dessa questão vai ao encontro das ideias apontadas por Beauvoir (2016b) e Grada Kilomba (2008); para a primeira, a mulher é concebida a partir do olhar do homem, ou seja, a mulher é o *Outro*; para a segunda, sendo negra, trata-se de uma visão do *Outro do outro*, pois ela não é branca, tampouco homem, conforme Kilomba (2008) ilustra em seu posicionamento – aspecto já discutido na seção anterior.

Ainda sobre o trecho mencionado, o conto, finalmente, começa a dar pistas do paradeiro dessa mulher que corre em busca de liberdade há muito tempo. É revelado que a personagem saiu do local no qual sofria violência vestida com as roupas de sua senhora. A partir desse momento, o leitor vê-se ainda mais curioso para descobrir o que ocorreu, uma vez que não é permitido à escrava vestir-se com roupas de sua senhora.

Assim se segue todo o desenrolar do conto: com essa protagonista, em tom de desabafo/confissão, revelando – ainda que aos poucos – o que aconteceu com ela, desde a sua saída da casa de seus senhores (a não aceitação de sua condição de escrava), até o final – momento em que se revela o desfecho que surpreende os leitores.

[...] então decidi servir com muita justiça meus senhores, bati com muita força as louças que eles tinham na cozinha, muitos tambores ressoaram na minha cabeça, até

que a senhora veio até mim para dizer que eu era uma crioula insolente, com ameaças de castigos, eu derrubei o tacho, eu mesma limpei o chão [...] eu, muito cansada, busquei o veneno para rato no fundo do sobrado, despejei uma quantidade maior do que colocava para os ratos e mexi com muita loucura aquele tacho, muitos tambores tocavam, servi meus senhores com suas caras brancas, eles começaram a comer, chamaram por mim, fiquei quieta na cozinha fingindo que não escutava, eu os ouvi arrastarem a toalha de mesa com as louças se espatifando no chão, eles davam gritos, deixei eles estirados do mesmo jeito que haviam caído, passei algum tempo na tina de água em que a senhora se banhava, usando a colônia, lavando meu cabelo, penteando com muito cuidado, não pensava neles, pensava no que encontraria, pensava na viagem, na minha caminhada, calmamente me fortalecia, vesti um vestido lindo e recatado da minha senhora, guardado no baú, com meu cabelo trançado na frente do espelho do quarto, eu, uma mulher que estava perto da meia-idade, calcei luvas nas mãos [...] foi assim que eu deixei aquela casa, caminhando com os sapatos da minha senhora, passando por ruas cheias, por ruas vazias, entrando na mata, dormindo no sereno, contando as luas, esquecendo as luas, caminhando para onde o sol ia (VIEIRA JUNIOR, 2021, p. 40-41).

É deste modo, portanto, que se encerra a narrativa: com o relato da vingança da escrava negra aos seus senhores brancos que, além do massacre de vidas, foram responsáveis pela morte do seu companheiro Inácio – outro criado vítima desse sistema cruel. O excerto mostra o último caso de violência sofrida pela negra que, após aguentar tanto tempo sob constante tortura física e psicológica, decide mudar a vida oprimida que tinha. Para essa mudança, dentro das condições que a mulher possuía naquele contexto, a ela somente lhe resta uma saída: o assassinato de seus algozes.

É preciso destacar que essa morte não pode ser entendida somente em seu sentido literal, mas em seu sentido metafórico também, haja vista que esse final pode representar, dentre tantas possibilidades, a tentativa de uma vítima encerrar um sistema abusivo constituído por relações humanas de dominância do branco. Com essa compreensão, não é somente a morte de dois senhores mas é também, acima de tudo, a quebra de um paradigma extremamente arcaico e racista da parte dos brancos que tendem a considerar-se superiores aos negros em detrimento de sua cor.

A mulher negra, na contemporaneidade, de acordo com Ribeiro (2004), ainda precisa lutar para que se liberte do cativeiro secular, sobretudo porque ainda desponta como as mais propensas a sofrerem violências físicas e psicológicas, além do fato de estarem na lista de desemprego e possuírem as piores taxas de remuneração no âmbito do trabalho.

Em *Alma*, é a própria protagonista que põe fim tanto à vida que outrora vivia, quanto à existência de seus senhores, em uma clara expressão de não mais acatar a situação cruel a que era submetida dia a dia. Há, pois, uma ruptura: a negra, anteriormente relegada a “não existência” e ao esquecimento, agora possui, em suas mãos, a chance de poder ser justamente

quem ela deseja ser, ter posse de si, de sua liberdade tão almejada; a negra que, antes, percebia o tratamento de uma mulher branca e livre, vislumbrava usufruir de tudo aquilo que pertencia com exclusividade à sua senhora. Vê-se, pois, que as condições de privilégios anteriormente estabelecidas entre escravo e senhor se encontram demolidas ao final, pois a negra já consegue encontrar, ainda que simbolicamente, por meio da literatura, uma saída para o seu aprisionamento histórico.

Para confirmar ainda mais esse tópico, basta perceber que, no fragmento, em nenhum momento Alma se preocupou com o fato de seus donos estarem ao chão, falecendo, sofrendo com dor. Na contramão disso, ela tinha em mente todo o caminho que agora poderia ser trilhado, pois não precisaria mais responder às ordens de seus senhores. Com efeito, “o processo de posse de si testemunhado por Alma nos provoca a refletirmos sobre a problemática étnico-racial e, sobretudo, sobre a resistência a sistemas sociais estabelecidos historicamente no Brasil” (FORMIGA; INÁCIO, 2022, p. 165). Para as autoras, a leitura literária pode ser uma força motriz de resistência a um sistema econômico, político, social e cultural que não representa a maioria das classes sociais. Seguindo esse ponto de vista, reconhecem que o conto de Itamar Vieira Junior, de forma simbólica, representa a nossa luta por uma sociedade mais igualitária e justa, posto ser a história de Alma

um testemunho sobre a escravatura, a exploração e a posse de homens e mulheres negros, mas, ao mesmo tempo, uma narrativa forte de resistência ao sistema imposto, visto que, ao se livrar das múltiplas formas de violência inerentes aos senhores donos do cativeiro, a narradora-protagonista, em sua luta pela liberdade humana, encontra o seu lugar no mundo (FORMIGA; INÁCIO, 2022, p. 164).

Averigua-se, então, Alma como uma personagem negra feminina que apresenta verossimilhança em alguns pontos com muitas outras da realidade escravista brasileira: sujeitos que sofrem, choram, vivem e resistem dentro de espaços que constantemente os inferiorizam e os diminuem enquanto *categoria mulher*, mas que, acima de tudo, não desanimam face às problemáticas e ao racismo sofrido, tampouco desistem de seu principal escopo: a luta pela condição de mulher em busca da liberdade. Nessa perspectiva, convém o alerta para a necessidade de atentarmos para questões tão expressivas a uma grande parte da nossa população que resvalam nos rumos de uma sociedade contrária ao modelo dos defensores do desenvolvimento do ultraliberalismo e ultrarreacionarismo, conceitos aqui compreendidos na concepção de Daniel Cara (2019).

Por fim, acreditamos que a representação da protagonista de *Alma*, de Itamar Vieira Junior, realça as dificuldades, os medos e, acima de tudo, a luta que indivíduos em condições desumanas enfrentavam (e ainda enfrentam) em sociedades cuja opressão socioeconômica é operante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui empreendido mostrou, em primeiro plano, alguns espaços (ou ausências) da mulher negra enquanto personagem na literatura, dando destaque a dois parâmetros: a literatura sobre o negro e a literatura do negro. A partir desse enfoque, foram traçadas algumas representações em torno desse grupo específico de pessoas, a fim de se oferecer uma contextualização dessa temática cada vez mais necessária e urgente.

De forma alinhada a isso, também se discutiu acerca do feminismo e, sobretudo, a partir de uma vertente negra, pois, conforme fora mostrado anteriormente, não há como moldar um único feminismo que atenda a todas as mulheres, dada as condições únicas e particulares de cada ser desse universo. As discussões traçadas buscaram, portanto, explicitar a importância de se (re)pensar, cada vez mais, vertentes e teorias feministas em prol de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Outrossim, após realizadas discussões de base mais teórica, o objetivo geral deste estudo foi alcançado na medida em que foi possível analisar como a personagem principal relata, no conto *Alma*, condições desumanas enquanto vivia sob o papel de escrava. A análise mostrou que a personagem era constantemente colocada como um indivíduo inferior e desumanizado durante a maior parte da narrativa, além de episódios frequentes de violências várias de cunho tanto verbal quanto físico e psicológico. Face a tantos martírios, a personagem que aguentou, por muito tempo, as adversidades de sua vida é justamente a mesma personagem que decide pôr um fim à sua condição, tendo em vista que planejou, estrategicamente, a morte de seus senhores para que pudesse fugir e ser livre.

O percurso fugitivo também foi outro momento analisado no texto tomado como ponto de partida. Após a análise, constatou-se que a escrava é, antes de tudo, uma mulher que caminha, isto é, que persegue rumo a qualquer outro lugar que possa lhe oferecer a sua tão almejada liberdade, sonho esse outrora impossibilitado devido às amarras e às obrigações impostas por seus senhores brancos.

Reiteramos, por fim, a necessidade de evidenciar narrativas, como a de Alma, trazendo, como foco, uma perspectiva/visão do próprio negro, que, embora perceba um lugar constituído pelo poder hegemônico e por relações humanas assimétricas, questiona essa dominância. Esse ângulo, portanto, permite que pessoas negras contem suas próprias vivências e existências face a espaços ainda opressores e racistas, pois contam a partir de si, e não mais são representados por intermédio do *Outro* – quase sempre branco e colonizador.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016a.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016b.

CARA, Daniel. Contra a barbárie, o direito à educação. *In*: CÁSSIO, Fernando (Org.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 25-33.

CLEAGE, Pearl. **Deals with the Devil and Other Reasons to Riot**. New York, Ballantine Books, 1993.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005.

FORMIGA, Girlene Marques; INÁCIO, Francilda Araújo. Clube de leitura na formação de professores-leitores: saberes partilhados para mediar o processo de educação literária. **Revista Leia Escola**. v. 22, n. 2. p. 155-170, 2022.

FREITAS, Marcel de Almeida. O cotidiano afetivo-sexual no Brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 5, n. 9, p. 53-58, 2011.

FRIEDMAN, Norman. **O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico**. Revista USP, n. 53, p. 166-182, 2002.

KILOMBA, Grada. **Plantation memories: episodes of everyday racism**. Berlim: Unrast, 2008.
PAULA, Marise Vicente de. De escrava à empregada doméstica: o fenômeno da (in) visibilidade das mulheres negras. **Revista Latino-americana de geografia e Gênero**, v. 3, n. 2, p. 155-164, 2012.

PROENÇA FILHO, Domicio. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos avançados**, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **SUR**, v. 24, p. 99-104, 2016.

RIBEIRO, Matilde. Relações Raciais nas Pesquisas e nos Processos Sociais: em busca de visibilidade para as mulheres negras. *In*: VENTURI, Gustavo et al. (org.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. 1. ed. São Paulo: editora da Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Sonia Beatriz dos. Feminismo negro diaspórico. **Revista Gênero**, v. 8, n. 1, 2007.
WALKER, Alice. **In Search of Our Mothers' Gardens**. New York, Harcourt, Brace Jovanovich, 1983.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Doramar ou a odisseia: Histórias**. São Paulo: Todavia, 1. ed. 2021.